

MIGRAÇÃO, RESILIÊNCIA E EMPODERAMENTO: UMA EQUAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA À LUZ DA PESQUISA BIOGRÁFICA

■ ELSA LECHNER

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

RESUMO

Partindo da equação teórica entre os conceitos de resiliência, empoderamento e migração, este texto analisa as formas concretas através das quais a pesquisa biográfica identifica e constrói processos de resiliência e de emancipação de migrantes. São apresentados diversos estudos levados a cabo pela autora em contextos migratórios diferentes – portugueses em França (Paris), portugueses nos EUA (New Jersey), e imigrantes de várias origens em Portugal –, para exemplificar a relação recíproca entre migração, resiliência e empoderamento. O artigo analisa casos concretos de empoderamento pela resiliência e vice-versa, focando em processos de biografização suscitados pela pesquisa biográfica. Aqui, não apenas as entrevistas biográficas, como textos autobiográficos produzidos pelos migrantes interlocutores de terreno, e ainda rodas de histórias ou oficinas biográficas, organizadas pela pesquisadora durante o trabalho de campo, contribuem para a melhor compreensão dos processos de resiliência e para a construção de resistências e resiliências coletivas. O trabalho em análise pode ser útil a todos aqueles e aquelas que se interessam pela dimensão biopolítica dos relatos biográficos e pela contribuição cívica da pesquisa biográfica na construção de um mundo mais justo e equilibrado.

Palavras-chave: Migração. Resiliência. Empoderamento. Pesquisa biográfica.

ABSTRACT

MIGRATION, RESILIENCE AND EMPOWERMENT: A BIOGRAPHICAL RESEARCH EQUATION

Drawing from the concepts of resilience, empowerment and migration, this paper focuses on the concrete effects of biographical research upon processes of resilience and emancipation of migrants. The author presents several studies that she has conducted in different fieldworks – Portuguese emigrants in France, Portuguese emigrants in New Jersey, immigrants from different backgrounds in Por-

tugal –, to exemplify the relation between migration, resilience and empowerment. The paper analyses concrete cases brought about by biographical interviews, circles of stories, and autobiographies of emigrants. The overall work might be useful to all those interested in the biopolitical dimension of biographical accounts, as well as by the civic contribution of biographical research to social and cognitive justice.

Keywords: Migration. Resilience. Empowerment. Biographical research.

RESUMEN **MIGRACIÓN, RESILIENCIA Y EMPODERAMIENTO: UMA ECUACIÓN TEORIO-PRÁCTICA A LA LUZ DE LA INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICA**

A partir de la ecuación teórica de los conceptos de resiliencia, empoderamiento y migración, este texto analiza las formas concretas a través de las cuales la investigación biográfica identifica y construye procesos de resiliencia y de emancipación de migrantes. Se presentan varios estudios llevados a cabo por la autora en diferentes contextos migratorios – portugueses en Francia (París), portugueses en los EE.UU. (Nueva Jersey), e inmigrantes de diversos orígenes en Portugal – para ejemplificar la relación recíproca entre la inmigración, la resiliencia y el empoderamiento. El artículo analiza casos concretos de empoderamiento por la resiliencia y viceversa, centrándose en los procesos de biografización suscitados por la investigación biográfica. Aquí, no sólo las entrevistas biográficas, como textos autobiográficos producidos por los migrantes interlocutores de terreno, también historias y talleres biográficos, organizados por la investigadora durante el trabajo de campo, contribuyen a una mejor comprensión de los procesos de resiliencia y con la construcción de resistencias y resiliencias colectivas. El trabajo en análisis, puede ser útil para todos aquellos y aquellas que se interesan por la dimensión biopolítica de los relatos biográficos y por la contribución cívica de la investigación biográfica en la construcción de un mundo más justo y equilibrado.

Palabras clave: Migración. Resiliencia. Empoderamiento. Investigación biográfica.

Introdução

Até chegar aos estudos migratórios – por via do sofrimento implícito às experiências migratórias –, o conceito de resiliência surgiu nas ciências naturais e da saúde, sendo sobretu-

do agora estudado e analisado na psicologia. Sabe-se que o termo surgiu primeiramente na física, para designar a capacidade de resistência de certos materiais a fortes embates

e traumatismos. Nos anos de 1970, a fisiopatologia adotou o vocábulo, em estudos sobre a resistência humana a agentes patogênicos. Mais tarde, aliado a teorias da psicopatologia sobre desenvolvimento e estresse, o conceito de resiliência foi definido como um conjunto de traços de personalidade e capacidades que tornavam resistentes pessoas que passavam por experiências traumáticas sem desenvolverem doenças psíquicas. Compreende-se bem, por isso, o lugar central que este conceito ocupa na psicologia, que se debruça tanto sobre as características de quem é resistente e resiliente, como sobre o estudo dos processos e contextos onde pessoas que passaram por situações graves de privação social e emocional ultrapassam os seus efeitos nefastos.

Neste texto, pretendo discorrer sobre a relação entre migração, resiliência e empoderamento, a partir da análise de casos concretos que estudei em diferentes projetos de pesquisa biográfica sobre experiências de e/imigração. O enquadramento teórico desta equação conceitual e empírica é o da pesquisa biográfica emancipatória, herdeira da proposta “pós-disciplinar” de Franco Ferrarotti (1983a), e dialogante com a corrente das histórias de vida em formação.

A análise dos materiais recolhidos nos diferentes terrenos revela a contribuição dos processos de biografização individuais e grupais na construção de capacidades de resiliência, para além de permitirem dar nome e voz àqueles e àquelas que deram provas prévias de resistência às amarguras da e/imigração.

Histórias de vida e narrativas biográficas de e/imigrantes: o empoderamento pela resiliência e vice-versa

Ao longo de vinte anos de carreira estudando as migrações, tenho desenvolvido pesquisa

biográfica interessada em conhecer as experiências concretas dos/as migrantes, a partir da recolha e análise das suas próprias narrativas, produzidas a meu pedido (em entrevistas face a face e em oficinas biográficas/rodas de histórias), ou através da análise de obras autobiográficas escritas e publicadas pelos meus interlocutores/as.

Este foco privilegiado resultou do interesse em particular pelas vivências em carne e osso da experiência migratória (no antes, durante e depois da decisão de emigrar) *versus* versões oficiais e discursos institucionais sobre os e as e/imigrantes (discursos que não descuramos, mas que deixamos como pano de fundo das vivências dos migrantes). Aliou-se ainda este interesse a uma visão qualitativa e relacional do trabalho de pesquisa, que julgo dever conjugar, simultaneamente, o rigor metodológico e analítico à permeabilidade de escuta e fina sensibilidade intercultural. “Todos diferentes, todos iguais”, é uma máxima que se aplica a esta postura deontológica, trazendo consigo muitos desafios teóricos, metodológicos, éticos e estéticos, que procuramos enfrentar sem rodeios e de forma criativa, preferencialmente.

Assim, a pesquisa com histórias de vida e narrativas biográficas de e/imigrantes obriga-nos a olhar para o nosso trabalho, a partir de diversos ângulos, e a identificar múltiplas dimensões de análise necessariamente presentes nas histórias, seus conteúdos substantivos (históricos, sociológicos, políticos, culturais), suas formas ou suportes comunicacionais (orais, escritas, visuais etc.), e contextos de enunciação (entrevistas, conversas informais, oficinas biográficas, textos autobiográficos etc.).

Não só, neste trabalho, temos de ter em consideração a heterogênea genealogia disciplinar dos estudos biográficos que nos conduz às humanidades tanto quanto às ciências sociais; como temos, ainda, de multiplicar as re-

ferências teóricas atuais e a experiência contemporânea de “descolonizar” o saber sobre os outros, com os outros, no sentido da construção de um mundo partilhado que desejamos comum na diversidade (ou apesar dela). Neste sentido, a própria pesquisa biográfica é um exercício coletivo de resiliência e de resistência face a formas hegemônicas de saber.

Em concreto, os projetos que desenvolvi junto a emigrantes portugueses em França,¹ bem como as pesquisas realizadas em Portugal com imigrantes,² e o projeto exploratório recentemente efectuado em New Jersey, USA, junto à comunidade portuguesa,³ multiplicaram a minha análise biográfica em termos teóricos, metodológicos e práticos, num sentido inter, trans e pós-disciplinar construtor de pontes, e de resiliência pós-disciplinar.

O estudo aprofundado de histórias de vida de emigrantes portugueses em França⁴ (LECHNER, 2010) evidenciou o valor histórico e sociológico dos testemunhos privados dos interlocutores de terreno no conhecimento aprofundado da emigração transmontana para a França dos anos de 1960 e finais dos anos de 1990. Tendo desenvolvido em particular a história de vida de um dos meus entrevistados (António Cravo), esta permitiu compreender e efectuar o efeito de *zoom* que as histórias individuais proporcionam ao estudo das migrações. De

fato, ao dedicar tempo e atenção a um caso, que revelou condensar um retrato coletivo da história da emigração portuguesa para França, no período indicado, foi possível obter um material muito rico e denso que multiplica a pertinência de partida do caso estudado. Este conjuga o valor da experiência privada de uma pessoa em concreto (que personaliza ou encarna uma experiência comum a muitos milhares de outros portugueses emigrantes), ao valor heurístico e social da sua história de vida, e ainda ao efeito de resiliência emancipatório dessa história contada no espaço público.

Não há espaço neste texto para apresentar toda a riqueza analítica deste retrato, mas quero trazer um poema que António Cravo escreveu e que resume a sua vida em cinco linhas autobiográficas desenhadas em torno dos quatro nomes que efectivamente teve. O propósito é exemplificar como mesmo “apenas” o nome ou nomes (apelidos) de uma pessoa podem traçar um itinerário biográfico que traduz os tempos e lugares da experiência migratória e seus efeitos cognitivos, emocionais, de subjectivação, que ajudam a conhecer e compreender “por dentro” o fenómeno mais vasto da emigração em que se inserem. A criação deste poema pelo meu interlocutor é, em si, a *mise en place* ou efetivação de um processo de resiliência sobre uma difícil experiência biográfica de emigração, que foi uma experiência de rutura e de reconstrução identitária:

Quando eu era Jaimota, na boca da minha infância

As estrelas do céu eram velinhas.

Quando eu era Gonçalvesinho, na boca do meu castro

Eu vi as estrelas do céu a chorarem lágrimas à mesma distância.

Quando era Jacques, na boca dos meus pincéis

Eu conheci as estrelas do céu a distâncias diferentes.

1 Mestrado em Antropologia Visual na Universidade de Paris X, Nanterre (1995); Doutoramento em Antropologia Social na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (2003).

2 Pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais, Lisboa (2003-2006); e no Centro de Estudos em Antropologia Social, Iscte (2006-2009); seguidos do trabalho no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, através de contrato “Compromisso com a Ciência” e de um projeto financiado pela FCT (que coordenei no CES entre 2011 e 2014).

3 Projeto financiado pela Fundação Fulbright/Instituto Camões, 2014/15, e acolhido pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, Providence, e pelo Departamento de Estudos Portugueses e Espanhóis da Universidade de Rutgers, Newark.

4 Mais especificamente, este projeto de Doutoramento tratou com transmontanos na região parisiense.

E quando era Cravo, na pluma dos jornais

Eu entrei no coração das estrelas, eu conheci as estrelas

E vi que as estrelas do céu eram mortais.

(CRAVO, Antônio, Paris, 27 de novembro de 1996)

Este homem, nascido no início dos anos de 1930, em Trás-os-Montes, conjuga na sua vida os ingredientes fundamentais de caracterização sociodemográfica da sua terra de origem, constituindo a sua história o que podemos apelidar de uma etnobiografia (LECHNER 2010). O caso de Antônio Cravo, com efeito, constitui um verdadeiro paradigma de análise de três campos de referência identitária transmontana da primeira metade, inícios da segunda metade do século XX: ele é, ao mesmo tempo, um filho ilegítimo⁵ (*Zorro*, em Trás-os-Montes), um emigrante⁶ (*Avec*, em Trás-os-Montes), e um descendente de judeus convertidos⁷ (*Perro*, em Trás-os-Montes), que reinventou uma identidade no momento de rutura e reconfiguração biográfica provocadas pela emigração forçada para a França nos anos de 1970. O seu retrato permite conhecer o quadro mais vasto da emigração transmontana e portuguesa da época e identificar os aspectos comuns às reconfigurações identitárias vivenciadas por migrantes de origens diferentes em contextos também diferentes de imigração (LECHNER,

2009a). Neste sentido, ele não só serve para estudar a emigração portuguesa e a portugalidade na diáspora, como ilumina a compreensão de outras experiências migratórias, e de outras identidades.

A história de vida de Antônio Cravo ilustra – seguindo a lógica ideográfica própria da pesquisa biográfica –, os quadros mais vastos (históricos e sociológicos) da emigração portuguesa do século XX, e permite ainda analisar as diversas dimensões de análise dos relatos biográficos: simbólica, linguística, mnemônica, performativa, estética (através da poesia, poética e autopoiesis dos relatos) e biopolítica. Estas mesmas dimensões podem ser encontradas em qualquer história de vida, mas são particularmente notórias na de Cravo, porquanto ele se tornou escritor, poeta, dramaturgo, e começou a escrever a sua autobiografia em três volumes (20 anos na aldeia, 20 anos em Lisboa, 20 anos em Paris), na sequência das nossas entrevistas. Também este último fato, como se vê, traduz a biopolítica da “relação instauradora” (LECHNER, 2009b), que pode ser a relação entre entrevistadora e entrevistado, entre narrador e narratária de uma vida com muitas estórias e histórias para contar.

Mas, desde logo, é a definição de história de vida enquanto objecto de análise que gera discussão e debate. Este já se beneficiou dos contributos importantes de autores como Daniel Bertaux (1976; 1980), Pierre Bourdieu (1986; 1993), e de todos os trabalhos empíricos levados a cabo por etnógrafos, antropólogos e sociólogos do biográfico, ao longo dos últimos 100 anos. Definir o que é uma história de vida, só por si, comporta um exercício entre disciplinas, uma vez que, em função do olhar disciplinar que domine, cada um vai privilegiar uma das suas dimensões em detrimento das demais. Tecnicamente falando, no entanto, de acordo com a minha experiência de trabalho, há que nomear os diversos tipos de narrati-

5 As taxas de nascimento fora do casamento em Trás-os-Montes, tal como em toda a Europa do Sul, foram muito elevadas até meados do século XX, e a Lei portuguesa só excluiu a categoria de “filho ilegítimo”, na segunda metade do século: O’Neill, B. (1982). “Jornaleiras e Zorros: dimensões da ilegitimidade numa aldeia transmontana (1870-1978), *Les Campagnes Portugaises*, Colloque Aix-en-Provence, CCP.

6 Trás-os-Montes era uma das regiões mais pobres de Portugal, na altura da grande vaga de emigração portuguesa para a França, nos anos de 1950, 1960 e 1970.

7 Trás-os-Montes é considerada uma região clássica de criptojudáismo, herdeiro do refúgio, nas suas montanhas, dos judeus expulsos pelos reis espanhóis Ferdinand e Isabella, na época da Inquisição. Os vestígios materiais e simbólicos destes cristãos novos, obrigados à conversão religiosa, são conhecidos e ainda hoje visíveis na região.

vas biográficas e autobiográficas, e distinguir, como sugeriu Bertaux (2010), as narrativas das histórias nelas contadas, ou as formas/suportes dos relatos, dos seus conteúdos. Philippe Lejeune analisou exaustivamente os diversos tipos de textos autobiográficos e a respetiva história literária (LEJEUNE, 1975). Noutra registo mais panorâmico e transdisciplinar, Christine Delory-Momberger explicitou os diversos usos históricos e disciplinares dos textos biográficos (DELORY-MOMBERGER, 2000). Aqui, desejo apresentar rapidamente os diversos tipos de “objectos biográficos” com que já trabalhei e que ultrapassam a noção de “texto” biográfico ou autobiográfico, mesmo quando pretendem designar uma história de vida.

O poema citado de António Cravo resume em poucas linhas a sua vida. Os seus três volumes escritos após as nossas entrevistas (e até hoje não publicados), são uma autobiografia documentada. Ao longo das nossas entrevistas biográficas, em torno da sua história, mostrou-me várias fotografias e documentos pessoais, tais como correspondência, anotações, memórias, e mesmo um processo judicial que não abriu na minha presença, mas que levou para o nosso encontro num dos seus *dossiers* organizados.

Mais tarde, no trabalho efectuado na Consulta do Migrante no Hospital Miguel Bombarda em Lisboa (pós-doutoramento), foram as histórias narradas pelos pacientes da consulta, em privado ou no hospital, com autorização do comité de ética da instituição, que trouxeram novo material para pensar os potenciais e limites do trabalho de pesquisa biográfica. Neste contexto, o peso da instituição médica e psiquiátrica tornou-se evidente. Tal como mostra Cristiana Giordano, no seu trabalho sobre a tradução institucional dos relatos dos imigrantes em Itália (GIORDANO, 2009), também aqui foi notória a interferência do quadro hospitalar no debitar das palavras ditas e silenciadas

dos nossos interlocutores. Diferentes contextos produzem diferentes textos, e em função do lugar onde acontece o encontro entre narrador e narratário, mais ou menos possíveis se tornam os relatos pessoais. É claro que uma esquadra de polícia, uma sala de tribunal, um centro de refúgio, ou um hospital, formatam à partida as interações, deixando muito visível a posição de sujeito que cada interlocutor ocupa e que lhe atribui maior ou menor estatuto social, maior ou menor poder sobre a situação: se é polícia, juiz, administrador de pedidos de asilo, médico, enfermeiro, ou imigrante documentado e indocumentado, ou ainda refugiado (LECHNER; SOLOVOVA, 2014).

A pesquisa efectuada neste hospital, também permitiu verificar como as histórias de vida dos imigrantes são ouvidas de forma diferente por uns e outros, em função do poder-saber associado às suas posições de sujeito na interacção. Assim, um médico está sobretudo preocupado em estabelecer um diagnóstico e aplicar uma terapêutica adequada; um psicólogo também, mas, diferentemente, em função dos seus quadros teóricos de referência; um enfermeiro, em prestar cuidados imediatos e acatar as ordens dos médicos. Podemos dizer que perante diferentes prestadores de serviços, neste contexto institucional bem demarcado, observamos diferentes facetas dos imigrantes, que não observaríamos noutra contexto mais neutro. É o que leva a defender uma desmedicalização do sofrimento dos migrantes, que se apresentam ou são levados a consultas de psiquiatria cultural ou de etnopsiquiatria. Em países com uma história já longa de imigração, como os EUA, Canadá, ou França, estes mesmos serviços desconstroem as suas tradicionais e herdadas posições de poder sobre os pacientes estrangeiros, chegando a propor estratégias coletivas, interdisciplinares, com equipas alargadas trabalhando em conjunto com as famílias e comunidades dos

migrantes. Este é um bom exemplo de como os relatos biográficos são bem mais do que “textos” mais ou menos condicionados socialmente, podendo-se transformar em novas formas relacionais e diferentes posições de sujeito nos contextos de interação social. Neste sentido, a resiliência torna-se coletiva, e o peso do contexto relacional evidente na capacitação para o empoderamento.

Então, da preocupação com as questões formais dos “objectos biográficos” (se são relatos, memoriais, narrativas *tout court*, autobiografias, biografias ou histórias de vida), passando pelos condicionantes ditados pelo quadro institucional, onde o trabalho com o biográfico se processa, chegámos à equação entre textos e contextos da pesquisa biográfica. Pondo a nu a identidade de cada “texto”/sujeito e de cada contexto/instituição nas pesquisas concretamente efectuadas, é possível conceber metodologias adequadas aos propósitos que norteiam cada estudo. Na verdade, e de acordo com a sugestão de Idalina Conde (1993) sobre a necessidade de escolher as teorias processuais adjacentes às teorias de sujeito orientadoras de cada pesquisa biográfica, são os objetivos de cada estudo que permitem delinear a metodologia apropriada para os alcançar. Assim se justifica, como já vimos na primeira parte deste artigo, o próprio desenvolvimento do “método biográfico” nas ciências sociais, para dar conta da crescente “sociedade do biográfico” (DELORY-MOMBERGER, 2012), característica da nossa era.

Com esta vigilância teórico-metodológica e também influenciada pela corrente das histórias de vida em formação,⁸ sobretudo após frequentar um *atelier* biográfico ministrado por Jeanne-Marie Rugira, na Universidade de Paris

8 Esta corrente foi impulsionada por um grupo de académicos franceses, suíços, belgas e do Québec, nos anos de 1980, da área da Educação dedicados à formação de adultos. São nomes de referência Gaston Pineau, Pierre Dominicé, Guy de Villers, Marie-Christine Josso, entre outros.

8, em 2004, desenhei um projeto de investigação assente em rodas de histórias ou oficinas biográficas com imigrantes, em Portugal.⁹ Este tirou partido do formato circular da comunicação efectuada nas rodas de conversa para aí pôr em cena o ponto de encontro, partilha e eventual desencontro (aceite e consensualizado) entre as diversas histórias de cada participante. Este respeito pelas diferenças e por diferentes perceções é, em si, uma forma de resiliência coletiva num mundo sobremaneira marcado pelo conflito e intolerância crescentes. Sobretudo em contextos migratórios e de super diversidade cultural.

Num artigo anterior, já tive a oportunidade de apresentar as diversas etapas e protocolo destas rodas de histórias que apelido igualmente de oficinas biográficas (LECHNER, 2012). Nesse texto, foram identificadas ainda as várias dimensões de análise que levámos a cabo no projeto. Desenvolvido por uma equipa interdisciplinar, este trabalho se beneficiou do olhar simultâneo de colegas da antropologia, arquitetura e urbanismo, linguística, sociolinguística, estudos sobre a participação cidadã na vida comunitária, sociologia e história. Procurámos ainda incorporar os saberes de experiência dos participantes nas rodas, originários de países, culturas, religiões diversas, e os conselhos dos consultores externos, oriundos da antropologia social, antropologia visual, antropologia linguística, educação, semiótica, planeamento cultural.

No ponto seguinte deste artigo, desenvolverei a adequação deste método de pesquisa ao estudo das migrações em geral, e da imigração em particular. Mas antes de o fazer, desejo aqui acrescentar a utilização do mesmo procedimento de pesquisa junto aos portugueses de Newark, New Jersey, USA. Neste terreno, não foi tanto o mundo que encontrámos na

9 Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, com a referência PTDC/CS-ANT/111721/20099.

sala (embora muitos dos participantes tenham passado e vivido noutros países, que não apenas Portugal, de onde partiram, e os EUA, onde moram), mas sobretudo uma constelação de experiências diferentes de emigração portuguesa continental.¹⁰ Apesar de todos serem de Portugal continental, a roda permitiu conhecer diversos percursos (homens, mulheres, jovens, menos jovens) que só por si ajudam a conhecer e compreender as características da comunidade portuguesa de New Jersey, traçando perfis paradigmáticos da portugalidade nas comunidades da diáspora.

Um aspeto particularmente interessante deste terreno específico foi a descoberta de várias autobiografias publicadas por portuguesas e portugueses desta emigração. Este fato não só contraria uma falta de tradição autobiográfica no mundo lusófono e ibérico (MEDEIROS; HERPOEL, 2008), como revela uma emancipação destes homens e mulheres “do povo” face à sua origem humilde, iletrada ou pouco letrada, maioritariamente caracterizada por baixos níveis de educação escolar (LECHNER, 2014). Porque escrevem as suas obras autobiográficas em português nos EUA, e porque assim podem ser lidos pelos portugueses de Portugal, bem como pelos demais portugueses das comunidades da vasta diáspora lusa, estes autores empreendem uma emancipação *glocal*. As suas histórias dão a conhecer uma ousadia rara de quem escreve sobre si sem saber escrever (como os próprios afirmam) “bom português”, e que escreve ainda sobre a sua origem pobre (grande maioria dos casos) e experiência dura de emigração, pouco valorizada e mesmo estigmatizada no senso comum português. Muito haveria a dizer sobre esta estigmatização da “figura” do emigrante português, e a concomitante desvalorização pública das

odisseias marítimas, terrestres e aéreas, destes protagonistas da emigração lusa. Fica para outros capítulos...

Oficinas biográficas no estudo das migrações: a construção coletiva da resiliência ou o empoderamento em grupo

As oficinas biográficas ou rodas de histórias com migrantes produzem efeitos exponenciais que constroem no grupo uma resiliência coletiva. Na roda, cada participante traz a sua história de migração, e ouve as demais, oferecendo após cada escuta a sua ressonância da história do/a outro que contou. Os participantes sentam-se em círculo, e como numa *arbre à palabre*, oferecem a sua perspectiva única sobre o tema em tratamento. Cada visão é seguida das ressonâncias dos demais participantes e, assim, a história de cada um/a é comentada, acrescentada, seguida pelos colegas de grupo. O sentido das narrações não procura ser linear, nem teleológico, desdobrando-se mesmo em vários subtemas pertinentes que são coconstruídos e seguidamente analisados em conjunto. De história em história, com as ressonâncias e temas trazidos para a roda, vai-se desenhando o corpo da resiliência construída pelo grupo. Dito de outro modo, vai tomando corpo, e espessura social, a resiliência produzida pelo trabalho em grupo.

Porque as oficinas de que falamos são grupos de trabalho que reúnem participantes voluntários em torno do tema comum da e/imigração, os subtemas que temos estudado dizem sobretudo respeito a questões de discriminação, racismo, estereótipos, identidades e condições da vida na e/imigração. Os pressupostos teóricos destas oficinas são os apresentados na primeira parte deste texto, e os objetivos visam concretizar os postulados de pesquisa colaborativa, comprometida com a

¹⁰ Há cerca de um milhão de portugueses nos EUA e a maioria é de origem açoriana. No entanto, no Estado de New Jersey, são sobretudo portugueses do continente que aí vivem.

construção de um saber partilhado, útil a todas as partes envolvidas e não apenas a quem faz a investigação. Procuramos pôr em prática a vontade de conhecer a e/imigração com os e/imigrantes, numa relação de proximidade, e não à distância. São os nossos interlocutores que nos dizem o que é ser e/imigrante de um determinado país, noutra. E nessas descrições – que são, não o esqueçamos, testemunhos privados de vivências concretas –, coconstruem com a equipa de investigação os sentidos empíricos de conceitos operatórios centrais ao nosso trabalho, tais como “emigrante”, “imigrante”, “africano/a”, “brasileiro/a”, “chinês/a”, “estrangeiro”, “português” etc.

Durante três dias consecutivos, cada grupo se reúne idealmente das 9 da manhã, às 18 da tarde, para que cada participante conte, na primeira pessoa, a sua história concreta de migração. Em função do número de participantes (que não deve exceder os 12), o tempo pode ser mais ou menos estendido na fala de cada um/a. Começamos cada dia com um exercício de escuta, de olhos fechados, que permite fazer a experiência de uma audição mais atenta e respeitosa, ancorada no corpo. Antes de tudo, faz-se um pacto verbal de respeito pela diferença de cada participante, pois a roda serve para conhecer e não para julgar ou condenar. Este exercício é seguido de uma partilha sobre a forma como cada um/a viveu essa escuta. Desde logo, cria-se uma empatia no grupo e percebe-se a diversidade existente apesar do exercício ser comum: cada um/a vive de maneira diferente os minutos de “silêncio”.

Cada partilha demora o tempo somado de cada relato seguido das respectivas ressonâncias. Tenho feito as orquestrações destes grupos também para gestão do tempo. Assim, este é um espaço de palavra e de escuta multiplicadas. Depois do exercício de escuta, passamos aos relatos autobiográficos (escritos ou orais, consoante) dos participantes que seguem a

mesma estrutura do exercício anterior: partilha, escuta, ressonâncias. E no fim de todas as partilhas e ressonâncias, que demoram dois dias, faz-se um balanço dos temas trazidos para e pela oficina, bem como da experiência de trabalho em roda. Esta é uma situação “extraquotidiana” que criamos após a apresentação do projeto aos potenciais participantes voluntários, e que representa sempre uma experiência altamente gratificante, para todos os implicados (assim o vivemos nós, e assim o dizem eles/elas).

Perante o material que é produzido no grupo, pelo grupo, o olhar de uma só disciplina não chega. Há que trazer para a análise as competências de quem sabe sobre os múltiplos temas e subtemas abordados ou trazidos à tona, sobre a metodologia participativa, sobre discurso, narrativas, e contextos de fundo dos fenómenos migratórios em estudo. Quanto a este último aspeto, por exemplo, há que ter em conta diferentes tipos de imigração em Portugal que trazem diferentes cenários de reflexão: se é a imigração de ex-colónias portuguesas, ou de países do leste europeu, ou ainda de ex-colónias britânicas, por exemplo. O primeiro caso obriga a conhecer o passado colonial português, as relações passadas e presentes em cada país de origem dos imigrantes, outros casos levam à história de outros impérios e transnacionalismos contemporâneos, ou à história e movimentos sociais recentes da Europa.

Assim, a resiliência construída nas rodas traduz não apenas o efeito cumulativo e exponencial das histórias partilhadas em grupo, mas também a aprendizagem mútua entre os participantes. Ao efeito formador e transformador dos relatos biográficos, acrescenta-se aqui o efeito formador e transformador do trabalho colaborativo. Da mesma forma, tal como Gaston Pineau (1996) dizia que as histórias de vida são artes formadoras da existência, tam-

bém podemos afirmar que as rodas de histórias o são igualmente.

Nas rodas de histórias, os relatos são validados, valorizados e materializam o seu alcance de transformação social, através do poder (trans)formador da socialização em grupo das experiências privadas. Mais do que um eventual efeito catártico ou terapêutico, que possam adquirir (não é o objetivo de partida), as oficinas biográficas permitem evidenciar o poder social das histórias pessoais, e o valor individual das experiências coletivas. As rodas funcionam como um *atelier* de escultura onde se trabalha com as identidades e identificações de pessoas que se contam perante um grupo. Neste, todos tomam consciência do caráter iminente social dos seus assuntos de e/imigrante, ao mesmo tempo que percebem o interesse e o valor dos testemunhos pessoais de cada um/a para a análise dos temas coletivos. É o coletivo no individual, e o individual no coletivo. Para cada participante, torna-se edificante fazer esta experiência em direto do valor social da sua história privada. Muito frequentemente as pessoas consideram e afirmam que a suas histórias “não têm interesse”, quando têm muito interesse social, humano, tanto privado como público.

Assim, fazer uma pesquisa com estes relatos já é dar um relevo e valor a estas histórias julgadas comuns ou desinteressantes, pela sociedade e pelos próprios migrantes. Mas dar visibilidade a esses mesmos relatos é ainda mais importante. Cada história de migração contada é um rosto da e/imigração, que traça percursos objetivos claramente delineáveis e percursos subjetivos desejavelmente compreendidos. Por isso, a parte de colaboração pública que cabe à equipa de investigação ou a quem vai para o terreno recolher histórias, cumpre o objectivo da pesquisa biográfica de tornar coerente a vontade de produzir “saber cidadão”. Aqui tornam-se muito relevantes as

publicações, comunicações e imagens que se possam mostrar a um público mais vasto, académico ou não. É nesse sentido também que uma pesquisa biográfica entra em interação criativa com produtores de vídeo, fotógrafos, ou artistas, que dêem rosto público aos rostos privados da e/imigração. Razão pela qual a construção da resiliência no trabalho com histórias de vida e relatos biográficos cruza, de forma privilegiada, a dimensão psicológica do processo individual de cada participante com a dimensão coletiva da justiça cognitiva e social, propiciadas pela roda.

Conclusão

Este texto equaciona a questão da resiliência e empoderamento de pessoas e grupos, a partir da análise de experiências migratórias estudadas em diversos terrenos etnográficos, na perspectiva da pesquisa biográfica emancipatória. Entendemos que e mostramos como junto a emigrantes portugueses, em França, nos EUA, e com imigrantes de origens culturais diferentes, em Portugal, os processos de biografia colocados em prática em entrevistas biográficas, em textos autobiográficos e rodas de histórias, conduzem a um empoderamento dos migrantes. Este empoderamento resulta da efetivação *in loco* – no momento da pesquisa e através da relação com a pesquisadora – da capacitação resiliente para a socialização das experiências de vida, e efeito recíproco.

São aqui dados a conhecer casos concretos de migrantes que aceitaram o desafio de dar o rosto, a voz e o nome a uma causa mais vasta: a consciencialização coletiva do peso e valor das suas histórias de vida na compreensão e conhecimento mais realista das questões migratórias. Apresentamos casos e retratos de emigrantes portugueses em França e nos EUA, que escreveram também textos e livros autobiográficos suscetíveis de nutrir uma reflexão

sobre a possibilidade crescente de um maior número de “subalternos” ou excluídos dos circuitos validados de produção de saber, serem conhecidos e darem a conhecer as suas experiências de emigração.

Acompanhando os processos e resultados de uma terceira pesquisa efetuada com base em rodas de histórias ou oficinas biográficas com imigrantes em Portugal, o texto discorre finalmente sobre a construção coletiva da resiliência e o empoderamento em grupo nestas rodas. Se a pesquisa biográfica cumpre os desígnios da pesquisa-ação que visa contribuir para a justiça e a transformação social, uma vez efetuada em grupo, ela permite também fazer a experiência da construção coletiva de

processos de resistência e resiliência. Estes se traduzem na capacitação dos sujeitos da pesquisa para a ação cívica através da socialização dos seus relatos de experiência e análise coletiva nas rodas dos temas relativos à experiência migratória. Muito concretamente, permitem tomar consciência e dar a conhecer a realidade, para além dos discursos instituídos e do senso comum, sobre imigração, emigração, racismo, discriminação, preconceitos sociais, de género, raciais etc.

No todo, julgamos dar um contributo para a clarificação da dimensão biopolítica da pesquisa biográfica e sua adequação à melhoria das políticas migratórias e de convivência intercultural nas nossas sociedades complexas.

Referências

BERTAUX, Daniel. **Histoires de vie ou récits de pratiques?** Méthodologie de l’approche biographique en sociologie. Paris: Cordes, 1976.

BERTAUX, Daniel. L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers internationaux de sociologie**, n. 69, p. 198-225, juil./déc. 1980.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; Revisão Científica Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BOURDIEU, Pierre. L’illusion biographique. **Actes de la Recherche en sciences sociales**, 62/63, 69-72, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **La misère du monde**. Paris: Seuil, 1993.

CONDE, Idalina. Problemas e virtudes na defesa da biografia. **Sociologia Problemas e Práticas**, n. 13, p. 39-57, mar. 1993.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Les histoires de vie:** de l’invention de soi au projet de formation.

Paris: Anthropos, 2000.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **La condition biographique:** essai sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Sens et narrativité dans la société biographique, Avoir droit dans la cité: vulnérabilités et pouvoir d’agir. **Le Sujet dans la Cité**, n. 3, p. 167-181, jan./dez. 2012.

FERRAROTTI, Franco. **Histoire et histoires de vie**. La méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Librairie des Méridiens, 1983a.

FERRAROTTI, Franco. On the autonomy of the biographical method. In: BERTAUX, Daniel. (Dir.). **Biography and society:** the life history approach in the social sciences. London; Beverly Hills: Sage Publications, 1983b. p. 19-27.

FERRAROTTI, Franco. **Le paradoxe du sacré**. Paris: Les Éperonniers, 1985.

FERRAROTTI, Franco. **On the science of uncertainty**. The biographical method in social research. Oxford; New York: Lexington Books, 2005.

FERRAROTTI, Franco. Partager les savoirs, socialiser

les pouvoirs. Entrevista concedida a Christine Delory-Momberger. *Le Sujet dans la Cité. Revue internationale de recherche biographique*, Paris, n. 4, p. 19-28, nov. 2013.

FERRAROTTI, Franco. **O olhar**. Retorno de um sociólogo ao espaço das periferias romanas. Catálogo de exposição. Curadoria de Christine Delory-Momberger. Rio de Janeiro: UERJ, 2014a.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRRN, 2014b.

GIORDANO, Cristiana. Práticas de tradução e a construção de subjectividades migrantes na Itália contemporânea. In: LECHNER, Elsa. (Org.). **Migração, saúde e diversidade cultural**. Lisboa: ICS, 2009. p. 137-173.

GOODY, Jack. **The power of the written tradition**. Washington; London: Smithsonian Institution Press, 2000.

LECHNER, Elsa. Para deixar rasto na geografia onde passam os meus passos. Biografia e transmissão na diáspora portuguesa em França. In: MELO, Daniel; SILVA, Eduardo Caetano da. (Orgs.). **A construção da nação e o associativismo português na diáspora**. Lisboa: ICS, 2009a. p. 179-192.

LECHNER, Elsa. Diálogos de vida: a bordagem biográfica no estudo da migração. In: LECHNER, Elsa. (Org.). **Histórias de vida: olhares interdisciplinares**. Porto: Afrontamento, 2009b. p. 91-103.

LECHNER, Elsa. **Enfants de l'eau**: la reconstruction de l'identité en situation d'immigration, le cas des transmigrantes en région parisienne. Sarrebruck: Éditions Universitaires Européennes, 2010.

LECHNER, Elsa. Oficinas de trabalho biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes. **Revista**

Educação e Realidade, Porto Alegre, 37 (1), p. 71-85, jan./abr. 2012.

LECHNER, Elsa; SOLOVOVA, Olga. The migrant patient, the doctor, and the (im)possibility of intercultural communication. **Language and intercultural communication, Special issue: migrating languages**, London, Routledge, v. 14, n. 3, p. 369-384, jun. 2014.

LECHNER, Elsa. A escrita autobiográfica de emigrantes portugueses em Newark: resistência aos estereótipos e emancipação glocal. In: SOUZA, Elizeu Clementino de.; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. (Orgs.). **Escrita de si, resistência e empoderamento**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 99-114.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MEDEIROS, Paulo de.; HERPOEL, Sonja. Iberian autobiography. **Bulletin of Hispanic Studies**, 85, 2, p. 163-166, marc. 2008.

O'NEILL, Brian Juan. Jornaleiras e Zorros: dimensões da ilegitimidade numa aldeia transmontana (1870-1978). In: Albert-Alain Bourdon (ed.). *Les Campagnes Portugaises de 1870 a 1930: Image et Réalité. Actes du Colloque Aix-en-Provence*, 2-4 Décembre 1982, Paris: Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1985. p. 173-214.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BRAGA, Carlos. Posfácio. In: FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas Ciências Sociais. Tradução Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 151-155.

PINEAU, Gaston. Les histoires de vie comme art formateur de l'existence. **Pratiques de formation/Analyses**, Paris, 31, p. 65-80, jan./jun.1996.

Recebido em: 02.04.2016

Aprovado em: 30.06.2016

Elsa Lechner é investigadora principal no centro de estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Doutora em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (2003). Seus estudos incidem sobre emigração portuguesa e imigração em Portugal, na perspectiva da pesquisa biográfica emancipatória. Nos últimos anos, tem desenvolvido formatos colaborativos de investigação com migrantes. É autora de diversos livros e artigos nacionais e internacionais sobre pesquisa biográfica no estudo das migrações. E-mail: eslalechner@ces.uc.pt

Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Sociais
Praça Dom Dinis, 3000-995 Coimbra, Portugal